



A fenomenologia da natureza de Goethe: conexões à educação ambiental

Jonas Bach Jr.¹

Resumo: Goethe desenvolveu um modo científico de abordar a natureza que atualmente é reconhecido como fenomenologia. Este artigo apresenta uma síntese da fenomenologia goetheana, como teoria do conhecimento elaborada a partir de suas pesquisas botânicas. Como perspectiva epistemológica, a fenomenologia de Goethe não redundou nas unilateralidades do empirismo e do racionalismo. Em sua relação com a natureza, ela é uma empiria delicada que busca desenvolver um juízo intuitivo, um poder de captar a essência do fenômeno. Uma correlação com as categorias fenomenológicas de Husserl é apresentada. O aprimoramento e desenvolvimento do sujeito na sua relação com a natureza é o ponto de partida da fenomenologia de Goethe no âmbito da educação. Por um lado, a educação ambiental torna-se um trabalho sobre a percepção dos sentidos; por outro lado, explora o desenvolvimento mental para captar a essência dos fenômenos. A questão da linguagem e dos conceitos torna-se um ponto crucial na prática educativa para a compreensão da fenomenologia e da reaproximação da natureza.

Palavras-chave: fenomenologia; Goethe; natureza; educação ambiental.

The phenomenology of the nature of Goethe: connections to environmental education

Abstract: Goethe developed a scientific way of approaching nature which is currently recognized as phenomenology. This article provides an overview of Goethean phenomenology as a theory of knowledge drawn from their botanical research. As epistemological perspective, phenomenology of Goethe did not resulted in one-sided empiricism and rationalism. In their relationship with nature, it is a delicate empiricism which seeks to develop an intuitive judgment, a power to capture the essence of the phenomenon. A correlation with the phenomenological categories of Husserl is presented. The improvement and development of the subject in its relation with nature is the starting point of phenomenology of Goethe in education. On the one hand, environmental education becomes a work on the perception of the senses, on the other hand, explores the mental development to capture the essence of phenomena. The issue of language and concepts becomes a crucial point in educational practice for understanding the phenomenology and the approach of nature.

Keywords: phenomenology; Goethe; nature; environmental education

¹ Jornalista. Mestre e Doutor em Educação pela UFPR. Foi bolsista do programa DAAD/Capes, com estágio de doutorado na Alanus Hochschule (Alemanha). É gestor administrativo-pedagógico da Sagres, centro antropológico de educação.

1 Introdução

Ao formular sua teoria sobre a metamorfose das plantas, Johann W. Goethe (1749-1832) exerceu um modo de fazer ciência que estabeleceu a relação sujeito e objeto de uma forma que não se encaixava nas duas correntes então vigentes: o empirismo e o racionalismo. Para entender seu conceito de metamorfose há como pré-requisito não só o resultado (suas conclusões), mas como também seu procedimento, ou seja, o processo de como ele chegou a tais conclusões. Os procedimentos científicos utilizados por Goethe receberam a apropriada denominação de fenomenológicos somente séculos mais tarde. A estruturação de uma metodologia baseada no modo científico goetheano foi formulada, pela primeira vez, por Rudolf Steiner (1861-1925), que foi aluno de Franz Brentano, na Universidade de Viena. Brentano foi o precursor da fenomenologia, professor de Edmund Husserl (1859-1938), fundador desta corrente filosófica e científica, na mesma instituição.

A fenomenologia é uma busca das coisas mesmas, de compreensão da essência do fenômeno. O entendimento da metamorfose das plantas pressupõe o próprio método fenomenológico que, através da descrição dos elementos que compõem o fenômeno, procura chegar a um nível superior de apreensão, condizente com o aspecto intrínseco do objeto observado.

Primeiramente, para esclarecer a fenomenologia goetheana, cabe descrever os procedimentos básicos adotados nesta perspectiva. Através da descrição de quais são os passos dentro da metodologia científica de Goethe, facilita-se a compreensão do que realmente esta se trata. Num segundo momento, é necessário estabelecer uma ponte entre a fenomenologia goetheana e a fenomenologia de Husserl. Esta ponte nada mais é do que uma tradução dos termos utilizados em ambas as correntes, verificando semelhanças e evitando precipitadas conclusões de identidade. A fenomenologia é em si um método que permite a criação de um caminho próprio e este caminho é descrito dentro de um universo vocabular que delimita suas propriedades.

A fenomenologia de Goethe vem colaborar com a heterogeneidade de perspectivas científicas dentro da complexidade da questão epistemológica ambiental. O debate em torno da problemática ambiental tem como questão os próprios fundamentos epistemológicos quanto à concepção de natureza e vida. Perguntar se o modo como o sujeito procura conhecer o objeto (natureza) levaria aquele a um conhecimento autêntico deste, é levantar a questão da ecologia da mente.

2 O método fenomenológico de Goethe

A fenomenologia de Goethe traduz um objetivo científico básico de sua pesquisa: a superação da separação entre ideia e experiência. O ponto de partida do sujeito é uma percepção dualista, estabelece uma dicotomia entre a essência (ideia) e o fenômeno.

Ideia e fenômeno só se encontram no que há de mais elevado e no que há de mais comum; em todos os estágios intermediários da consideração e da experiência eles se cindem. O mais elevado é a intuição do diverso como idêntico; o mais comum é a ação, a ligação ativa do que está cindido com a identidade. (GOETHE, 2003, p.2)

A fenomenologia de Goethe tem como proposta um aprimoramento das capacidades cognitivas do sujeito para a superação deste dualismo, a cisão entre ideia e fenômeno. O auge desta capacidade cognitiva é um juízo intuitivo (*anschauende Urteilskraft*) capaz de harmonizar a atividade intelectual com os fundamentos da criação da natureza. Esta fenomenologia adota procedimentos básicos que, ante o objeto percebido, almejam uma percepção permeada por conceitos elevados e conectados aos aspectos intrínsecos do fenômeno da vida.

Os procedimentos da fenomenologia de Goethe podem ser resumidos em sete etapas: rompimento com representações habituais, redução de julgamentos, geração de ideias, utilização de conceitos direcionadores, experimento de julgamentos, diversificação da experiência e coexecução mental do fenômeno natural (SCHIEREN, 2008, p.77-79).

No método goetheano não há dicotomia entre sujeito e objeto, o sujeito não é mero espectador passivo do fenômeno. Na percepção fenomênica há uma participação do objeto com suas características e propriedades, entretanto, no procedimento metodológico o sujeito participa também. Não há uma depuração do sujeito como no método indutivo baconiano. A fenomenologia goetheana é empírica, sem ser empirismo absoluto. Na terminologia empregada por Goethe, seu método científico utiliza uma empiria delicada (*zarte Empirie*). Wahn destaca a complementariedade entre a fenomenologia goetheana e o empirismo.

A "*zarte Empirie*" de Goethe - sua empiria delicada - pode tornar-se uma importante ferramenta epistemológica para nos guiar em direção à participação adequada e, portanto, para a sustentabilidade. A capacidade de alternância consciente e responsável entre epistemologias em plena consciência de seus respectivos pontos-cego de percepção nos

ajudará a integrar o conhecimento reducionista e a sabedoria holística. (WAHN, 2005, p.75)²

O empirismo abordou unilateralmente a realidade natural extirpando sua dimensão essencial. Em suas pesquisas científicas, Goethe preocupou-se em estar diante do fenômeno, por um lado, e em manter-se atento aos processos de sua própria consciência. Enquanto observava plantas em sua viagem para a Itália, Goethe não se limitava somente ao aspecto sensorial da experiência. Sua metodologia consiste em desenvolver a simultaneidade da atividade da consciência que, dirigindo-se à percepção sensorial, procurava conectar aos dados percebidos à ideia subjacente ao fenômeno vital. Então, ideia e experiência são os dois pólos que se apresentam no ponto de partida da pesquisa fenomenológica goetheana. Este aspecto dual é superado somente se o sujeito desenvolve em si a capacidade de possuir um conteúdo ideativo condizente ao que inerentemente jaz no fenômeno.

Num primeiro momento, todo e qualquer fenômeno se apresenta sem a ideia, desespiritualizado. Utiliza-se aqui o termo espírito como ele é normalmente empregado na língua alemã (*Geist*), designando o mental, a atividade conectiva e combinatória que opera a partir de parâmetros conceituais. A experiência, no momento anterior à abordagem reflexiva, apresenta-se num estado puro, não há conexões conceituais que atribuam sentido, valor ou significado aos dados percebidos. É a atividade conceitual que encontra e revela a conexão significadora dos dados. Porém, uma única experiência do objeto não permite a revelação integral deste. As diversas experiências apresentam-se sem conexão, somente exibem suas particularidades. O fenômeno e a ideia (sua essência) são aparentemente inconciliáveis. O esforço fenomenológico de superar este dualismo é expresso por Goethe como o “desespero de integração” (*Verzweiflung an Vollständigkeit*) (GOETHE, 2000, p.366). As sete etapas da fenomenologia goetheana objetivam a realização da conexão da dimensão ideativa dentro do mundo fenomênico. Nos fenômenos orgânicos, o que aparece como dado sensorial é consequência de algo que não é perceptível aos sentidos. A fenomenologia é um processo cognitivo para se chegar à unidade superior subjacente aos processos sensoriais.

² [Goethe's “zarte Empirie” – his delicate empiricism – may become an important epistemological tool to guide us towards appropriate participation and therefore towards sustainability. The ability to consciously and responsibly

O que percebemos com os sentidos não podemos deduzir de fatos perceptíveis aos sentidos; devemos incluir, no conceito dos processos, elementos que não pertencem ao mundo dos sentidos: temos que transcender o mundo sensorial. Se desejamos explicar os fenômenos, não basta a visão; temos que captar a unidade por meio de conceitos, se desejamos explicar os fenômenos. Mas isso implica numa separação da percepção e do conceito; parecem deixar de ser congruentes: o conceito paira acima da percepção. (STEINER, 1980, p.56)

A primeira etapa da metodologia de Goethe denomina-se o rompimento das representações mentais habituais. A consciência representativa opera num nível de reconhecimento do objeto, sem qualquer apreensão de sua própria atividade. Além disso, ela em seu estado habitual não costuma demorar-se no objeto, tão logo tenha a possibilidade de abordar outro. A consciência representativa não persevera normalmente no conteúdo objetual, dirige sua atenção diretamente para a obtenção de resultados (nomações e identificações), é inconsciente de sua própria atividade subjacente. Ideias preconcebidas, preconceitos, julgamentos pré-formados fazem parte do repertório da consciência representativa. Nela os valores estão de certa forma pré-configurados. Ela aplica-os em sua confrontação com os fenômenos sem indagar-se pela genealogia daqueles. Goethe rompe com a inércia da consciência representativa, ao minimizar a atuação das representações corriqueiras, o que é habitual descarta-se. Na segunda etapa, há uma redução nos julgamentos, ou seja, a atividade atributiva da consciência é interrompida ou atenuada para abrir espaço para um terceiro momento. Neste, o procedimento é a criação de uma outra forma de lidar com conceitos e ideias. A geração de ideias é pré-requisito para a quarta etapa, pois Goethe se servia da ideia como meio de obtenção de intuições, ou, em suas palavras, como “órgão” para se apropriar da essência do objeto (GOETHE, 2000, p.237).

Com a geração de ideias torna-se possível a ampliação da utilização de conceitos. Estes passam a ter a função de dirigir o olhar (*blicklenkende Funktion*) do sujeito ante o fenômeno. O sujeito experimenta diferentes “perspectivas” do fenômeno sem alterar o fenômeno, sem variar as experiências. O foco do seu trabalho é em seu espírito, ou seja, em seus parâmetros conceituais. São estes que agora operam como orientadores de novas percepções, como reveladores de outras facetas do mesmo fenômeno. Há uma ampliação da percepção do fenômeno com foco na atividade intelectual do sujeito. O enriquecimento da abordagem fenomenológica que se dá nesta

switch between epistemologies in full awareness of their respective perceptual blind-spots will help us to integrate reductionist knowledge and holistic wisdom] (WAHN, 2005, p.75) – Tradução livre do autor.

quarta etapa é integralmente dependente dos passos anteriores que, se não realizados, estorvam a amplitude possível na utilização de conceitos direcionadores do olhar (*blicklenkende Begriffe*).

O complexo de ideias criadas corresponde a uma intensificação no trabalho cognitivo do sujeito. Este abstém-se de julgar na fenomenologia goetheana. As ideias geradas e os conceitos direcionadores do olhar levam a uma etapa de juízo pela própria experiência. “Em meio à consideração da natureza, tanto no que há de maior como no que há de menor, sempre coloquei incessantemente a questão: é o objeto ou és tu mesmo que se expressa aqui? É neste sentido que também considero meus precursores e colaboradores” (GOETHE, 2003, p.79). Os conceitos não são aplicados à experiência para que aqueles sejam os balizadores da realidade desta. O sujeito realiza experimentos com os próprios conceitos.

O sujeito abstém-se do juízo. As particularidades do mundo fenomênico tornam-se visíveis, o que significa, que o objeto se autojulga sob a luz dos conceitos a ele dirigidos. Pode-se neste caso – como Goethe o faz – falar de um ensaio ou experimento. São direcionados conceitos à experiência não de modo julgante, mas meramente experimental. O sujeito cognoscente não emite juízo. Ele observa pura e simplesmente o autojulgamento da experiência. (SCHIEREN, 2008, p.77) ³

O ensaio com julgamentos que partem da experiência revelam uma qualidade oriunda do próprio fenômeno. Nesta quinta etapa, alcança-se já um patamar onde a essência do fenômeno não sofre interferência do sujeito. Para que ela alcance este nível de revelação, não se requisita a anulação do sujeito. Pelo contrário, este realizou um trabalho intensificado tanto para não permitir que sua consciência habitual reduza o fenômeno a mera identificação de dados, quanto para dinamizar a utilização de conceitos que permitam sua aplicação direcionadora, e assim chegar a um ensaio de julgamentos.

A sexta etapa da fenomenologia goetheana corresponde a uma verificação do experimento de julgamentos. “Nenhum fenômeno esclarece-se em si e a partir de si mesmo; somente muitas coisas, consideradas conjuntamente, ordenadas metodicamente, são capazes de fornecer por fim algo que poderia ser válido para a teoria” (GOETHE, 2003, p.77). Para isto, requer-se uma variação da experiência. Isto pode se realizar através da repetição ou diversificação da mesma. O

³ [Das Subjekt enthält sich gerade des Urteils. Es werden aber die Eigenarten der Erfahrungswelt sichtbar, was heißt, dass sich das Objekt im Lichte der auf sie gerichteten Begriffe selbst beurteilt. Man kann in diesem Fall – wie es Goethe tut – von einem Versuch oder Experiment sprechen. Es werden Begriffe nicht urteilend, sondern lediglich versuchsweise an die Erfahrung herangetragen. Der Erkennende fällt kein Urteil. Er beobachtet lediglich die Selbstbeurteilung der Erfahrung.] (SCHIEREN, 2008, p.77) – Tradução livre do autor.

mundo fenomênico possui muitos modos de manifestação. A diversificação da experiência – sua repetição ou até mesmo um exercício do sujeito ante ela em outras circunstâncias – é uma etapa onde o sujeito pratica uma sintonização com o fenômeno. “A força atenta do sujeito cognoscente mergulha assim totalmente na experiência. Especialmente para o conhecimento do orgânico é necessário expor-se à processualidade do vivo” (SCHIEREN, 2008, p.78).⁴

Este acompanhar a “processualidade do vivo” é a unificação da mente com a natureza. A vivacidade presente no mundo fenomênico orgânico requer uma dinamicidade mental correspondente. Esta dinâmica cognitiva é um trabalho do espírito humano que vê a essência da natureza. Um duplo olhar que observa o fenômeno em seu modo de aparecer, em sua empiria, e acompanha a processualidade do fenômeno da vida, a manifestação da essência.

A sétima e última etapa corresponde ao ápice dos procedimentos fenomenológicos goetheanos. Não há a necessidade de aplicar as conexões e resultados obtidos em experiências anteriores, realizando inferências. As conexões precisam ser sempre presentificadas em coexecução espiritual do fenômeno natural. O conceito de planta primordial (*Urpflanz*) é um exemplo de auge da fenomenologia de Goethe (1997, p.86). Chegar a este conceito requer o desenvolvimento no sujeito de uma capacidade denominada por Goethe de juízo intuitivo (*anschauende Urteilskraft*).

Um juízo capaz de dar a um pensamento um conteúdo diferente do que se pode captar pelos sentidos exteriores, um juízo que saiba captar não só o sensorial, mas também o imaterial, distinto do mundo sensível. Um conceito que não é obtido abstraindo do mundo sensível, mas que possui conteúdo que decorre dele, e só dele próprio, pode ser chamado de intuitivo, e o seu conhecimento, de conhecimento intuitivo. Donde resulta claramente: Um organismo só pode ser compreendido através de um conceito intuitivo. (STEINER, 1980, p.63)

Em suas pesquisas botânicas, o esforço de Goethe foi apreender a unidade inalterável dentro do universo da multiplicidade. Assim, ele chegou à formulação do conceito de metamorfose das plantas. A fenomenologia de Goethe funda um modo de observação dos fenômenos da natureza. Esta observação é um esforço intencional de acompanhamento dos movimentos que ocorrem entre as formas de manifestação dos fenômenos. O objetivo é captar o elemento eterno manifestante no transitório.

⁴ [Die aufmerksame Kraft des Erkennenden taucht somit ganz in die Erfahrung ein. Insbesondere für die Erkenntnis des Organischen ist es nötig, sich in die Prozessualität des Lebendigen zu begeben.] (SCHIEREN, 2008, p.78) – Tradução livre do autor.

O processo cognitivo, seguindo as etapas fenomenológicas, além de poder captar o elemento essencial, realiza uma metamorfose em si mesmo. É com a transformação do padrão qualitativo dos procedimentos epistemológicos que se alcança os fundamentos fenomênicos. O olhar no auge da conquista fenomenológica também é duplo. Uma direção é a contemplação (intuição) direta da atividade ideativa no fenômeno observado. Outra direção volta-se sobre a própria atividade espiritual para reconhecer na própria mente a sintonização com os processos viventes. Esta sintonização é uma tradução da superação entre a atividade espiritual humana e os aspectos fundamentais da criação. A atividade científica de Goethe foi o lado prático da filosofia de Spinoza. “Também a relação de Goethe com Spinoza não pode ser concebida de outra forma senão admitindo que nele encontrou as fórmulas, a linguagem científica apropriada para expressar o universo que se achava dentro dele próprio” (STEINER, 1980, p.161). A integração entre Deus e natureza na filosofia spinoziana é compreensível somente por uma mente que atingiu um nível espiritual que possibilita ver o divino na natureza e a natureza no divino. A compreensão perfeita em Spinoza significa a sabedoria de que todas as coisas foram feitas de acordo com uma ordem eterna: “a coisa buscada, esse bem verdadeiro, esse bem supremo é um conhecimento, uma ação da mente; esse conhecimento é o conhecimento da união da mente com a Natureza inteira” (SCALA, 2003, p.40).

A fenomenologia de Goethe recorre ao método evolutivo para conhecer a essência do mundo orgânico, denominada de “tipo”. Os fenômenos inorgânicos são explicados pela ciência através do método demonstrativo que busca a lei natural. “Pensamos da seguinte forma: sob determinadas condições ocorre um fenômeno; as condições existem, e por isso o fenômeno tem de ocorrer” (STEINER, 2004, p.93). Entretanto, a ação exercida pelo “tipo” – a essência – no fenômeno orgânico é diferente. “Ele apenas determina a regularidade de suas próprias partes; não aponta para além de si, como a lei natural”.

2.1 Categorias fenomenológicas

As categorias fenomenológicas estabelecem o procedimento que o sujeito cognoscente toma diante do objeto que está buscando compreender, visando a superação da atitude natural. A “volta às coisas mesmas” possui um caminho fundamental que parte da redução fenomenológica (*epoché*), passa pela descrição (redução *eidética*) e chega à intencionalidade.

A redução fenomenológica, ou *epoché*, é uma postura de não julgamento das coisas, com o intuito de evitar a interferência do julgamento do senso comum presente na atitude natural. Nesta etapa, o objetivo é conter a influência de conceitos pré-formulados oriundos da experiência trivial da vida. Assim, os julgamentos e valores – dos quais o sujeito é portador - permanecem provisoriamente suspensos, são colocados entre parênteses:

[...] a redução ou *epoché* é a operação pela qual a existência efetiva do mundo exterior é “posta entre parênteses”, para que a investigação se ocupe apenas com as operações realizadas pela consciência, sem que se pergunte se as coisas visadas por ela existem ou não realmente. (URBANO, 1996, p.10)

A redução fenomenológica é somente um ponto de partida preparatório para o segundo passo, que é a descrição, ou redução eidética. Sem a interferência de valores que não pertencem ao objeto, o sujeito aborda este com uma atitude descritiva que visa a apreensão do fenômeno como ele se apresenta. Descrever é apresentar todos os aspectos necessários para que o sujeito saiba do que se trata o fenômeno, como aponta REZENDE (1990, p.18). Dentro dessa descrição fenomenológica estão presentes os parâmetros de significação, pertinência e relevância. Esta descrição, por não se bastar em enumerar tão somente os dados da observação sensorial do objeto em si, acaba sendo discursiva pela amplitude e extensão da complexidade dos fenômenos. A descrição é um discurso inacabado porque a redução fenomenológica e eidética são rigorosas, mas não são exatas. A inexatidão exige um prolongamento descritivo para abrangência da essência do fenômeno (BUENO, 2003, p.26). Na redução eidética, a focalização da consciência é orientada para a estrutura do fenômeno. A descrição comporta a abordagem ao elemento essencial do mundo fenomênico. A consciência experiencia a si mesma para chegar a redução eidética, pois esta pode ser compreendida como “análise descritiva das vivências da consciência” (BUENO, 2003, p.28-29).

A fenomenologia é uma postura filosófica e científica que não assumiu dois extremos epistemológicos: o racionalismo e o empirismo. Neste sentido, seu intento é uma superação da dicotomia sujeito e objeto. Para alcançar esta superação ela exige uma atribuição qualitativa ao sujeito cognoscente: sua capacidade de apreender os fenômenos de modo evidente. Ou seja, a fenomenologia é uma ciência intuitiva, anterior ao modo dedutivo ou empírico. Neste sentido, fala-se em um retorno a uma primordialidade da relação do sujeito com o mundo. Neste retorno, evidencia-se o modo de ser da consciência, que é o da sua intencionalidade. A consciência é

sempre consciência de algo. Ela se constitui ao constituir o mundo, há uma correlação dialética entre objetividade e subjetividade, que são interdependentes. O objeto torna-se presente à consciência por um ato intencional desta. “Para toda modalidade da consciência intencional temos uma correspondência ou uma certa maneira do objeto se apresentar à consciência” (CAPALBO, 1996, p.19). É através do sujeito que o mundo torna-se mundo, pois não há objeto em si. O mundo vem a ser porque há uma consciência pela qual ele passa a existir (NISKIER, 1992, p.174). A intencionalidade da consciência é a categoria fenomenológica que recusa a noção de que a consciência seria mera portadora de representações, imaginações e memória, ou de que haveria uma consciência pura apartada dos fenômenos. Ao refutar a luta dicotômica que disputa ora a predominância do sujeito, ora a predominância do objeto, Husserl “coloca o valor do conhecimento na intuição ou visão das essências que, por outro lado, desfrutam de existência particular, segundo o modelo platônico” (FULLAT, 1994, p.278).

2.2 A fenomenologia de Goethe e Husserl

A fenomenologia é incorporada dentro de um discurso descritivo. Esta é a sua manifestação extensiva por meio de uma linguagem. A fenomenologia é aberta à criação de um caminho próprio. O pesquisador fenomenológico cria um modo de pensar, de sentir e agir ante o fenômeno. Os procedimentos metodológicos da fenomenologia não são uma prescrição formal, são indicadores de uma processualidade evolutiva. Diferentes fenomenólogos (Husserl, Gadamer, Goethe, Merleau-Ponty) utilizam vocabulários distintos entre si. A comparação entre a fenomenologia goetheana e husserliana visa reconhecer um campo comum entre ambos.

A fenomenologia goetheana foi apresentada em sete procedimentos. É uma forma mais pormenorizada de explicitar os procedimentos científicos de Goethe. Na fenomenologia husserliana, a *epoché*, a redução eidética e a intencionalidade são três categorias que resumem uma abordagem ampla e complexa. Na comparação entre ambas as fenomenologias, alguns detalhes e especificações presentes nos procedimentos goethianos podem ser enquadrados num todo maior das categorias husserlianas.

Na fenomenologia goetheana, as etapas de rompimento com as representações habituais e uma redução dos julgamentos correspondem à redução fenomenológica de Husserl, a *epoché*. O retorno “às coisas mesmas” requer uma superação da atitude natural. A atitude fenomenológica começa exatamente com a negação daquilo que ela não é. A atitude natural pressupõe uma

consciência que aborda os fenômenos somente em sua superficialidade. A primordialidade da experiência do sujeito ante o fenômeno solicita a atitude fenomenológica, sua redução. Representações habituais e seus correlatos julgamentos já condicionados são próprios da consciência habitual.

Os próximos dois procedimentos (terceiro e quarto) da fenomenologia goetheana - a geração de ideias e a utilização de conceitos redirecionadores - são intermediários à intuição das essências. Estes dois procedimentos corresponderiam à redução eidética husserliana. Gerar ideias como meios para a contemplação da essência, ou utilizar conceitos que redirecionam o olhar do sujeito, são uma tradução da redução eidética. Nesta, a meta é “tornar visível e explícita a constituição dos acontecimentos do mundo-vida” (BUENO, 2003, p.28). Ou seja, Goethe aplicava a descrição de vivências da consciência necessárias no seu caminho à intuição das essências, para tornar visível, ou explícito, a atuação de uma unidade ideativa no fenômeno. Novas percepções acontecem pela utilização de conceitos com outra qualidade. É a intencionalidade da consciência que proporciona a existência do objeto. Conceitos direcionadores ou ideias geradas são uma dinamização da intencionalidade da consciência. Esta é sempre consciência de algo. No método goetheano, a intencionalidade da consciência é explorada de modo multiforme. Não se chega à evidência da essência por categorizações ou definições do que há de múltiplo no mundo sensorial. A característica intencional da consciência é utilizada com o intuito de trazer visibilidade do essencial. Tornar explícito é trazer à evidência. É dentro de uma atitude descritiva, eidética, que conceitos podem redirecionar para um olhar que torna explícito.

Reduzir eideticamente, ou descrever o fenômeno partindo de parâmetros que conduzam à visibilidade da dimensão essencial do fenômeno, proporciona os pressupostos do processo cognitivo fenomenológico. Na abordagem goetheana, há uma abstenção do sujeito no julgamento. Ou seja, as ideias geradas ou aplicação de conceitos dinamizadores da percepção não são utilizadas como parâmetros para avaliação do fenômeno. Aqui entra o papel crucial da intencionalidade da consciência para haver uma possibilidade de se chegar a captar o julgamento pela própria experiência. A repetição e o exercício nada mais são do que uma continuidade deste procedimento da consciência. A diversificação de experiências é tanto um mergulho do sujeito nos fenômenos, quanto uma imersão no ser de sua consciência, em sua intencionalidade.

O ápice da fenomenologia goetheana, expresso como coexecução espiritual do fenômeno natural, é a volta à coisa mesma. O juízo intuitivo é a capacidade do sujeito que se desenvolveu

até apreender o fenômeno diretamente em sua essência. No fenômeno a essência é atuante. Quando a consciência dirige sua própria intencionalidade de modo tal que esta chega a corresponder aos princípios fundamentais do mundo fenomênico, ela chegou ao patamar de juízos intuitivos. O juízo intuitivo é a conciliação entre a mente e a natureza. A essência desta está em harmonia com a intencionalidade daquela quando o sujeito supera o dualismo espírito-matéria. Neste ponto, o conhecimento do sujeito fenomenológico chegou ao “contato direto com o ser absoluto das coisas”, foi até a raiz do fenômeno, “daquilo que se manifesta imediatamente à consciência” (GILES, 1987, p.48).

2.3 Fenomenologia e educação ambiental

Pensar – ou melhor, repensar – a educação ambiental sob um enfoque fenomenológico esbarra num primeiro desafio: os condicionamentos reflexivos não permitem uma ampla abordagem à educação. Silva (2003, p.77) chama a atenção para uma pluralidade de matizes problemáticas em torno da questão. “Por estarmos acostumados com a perspectiva positiva dada à educação, ignoramos novas possibilidades do ato de educar, no sentido de romper com a formação meramente instrumental”. Ter a fenomenologia como ponto de partida na compreensão da educação é a busca do próprio sentido de educar. O aspecto técnico e instrumental da educação objetiva somente a função do trabalho, porém este enfoque não é suficiente para que o adulto enfrente todas as questões de sua existência. Uma educação em função do mercado de trabalho perpetua os dilemas que a sociedade contemporânea vive. Como afirma Rezende (1990, p.17), o discurso fenomenológico visa demonstrar em que sentido há sentido(s) e “nos fazer perceber que há sempre mais sentido além de tudo aquilo que podemos dizer”. A busca de muitos sentidos e a indicação de outros que não podem ser ditos – apenas indicados – são a abertura para amplitude da compreensão do fenômeno educativo.

O aprofundamento na fenomenologia de Goethe é um exercício de desenvolvimento de qualidades da cognição que normalmente não estão presentes nos moldes da educação formal. Um exemplo de sua concretização na práxis educativa reside nas escolas que adotam a Pedagogia Waldorf (BACH Jr, 2007). A metodologia e o currículo foram inspirados na fenomenologia de Steiner, que tem como fundamentação a fenomenologia goetheana. Aplicar os princípios metodológicos deste é reabordar o fenômeno da educação sem as representações corriqueiras e sem os julgamentos com os quais se está condicionado. Este passo corresponde as duas primeiras

etapas do método goetheano. A busca ou descoberta de outros sentidos é resultado da aplicação dos outros procedimentos. Gerar ideias amplas que sirvam como intermediárias, como órgão de contemplação para ver novos horizontes, e a utilização de conceitos que direcionem para novas percepções, possibilitam o encontro de outros sentidos do sentido de educar. O ato de educar ou ser educado, sob o enfoque dos procedimentos fenomenológicos goetheanos, torna-se um “ensaio”, uma experiência que não é julgada pelo sujeito que projeta conceitos para revelar seu valor ou sentido. O fenômeno educação, na sua prática, é que se torna a base de revelação do seu sentido. A diversificação da experiência é o pré-requisito para uma compreensão que abranja toda a complexidade e pluriformidade de manifestações do fenômeno. O que não pode ser dito, mas que tem sentido, é a própria essência do fenômeno educativo. As representações habituais não permitem este ir além das aparências. Há um sentido captado a partir do que aparece, mas há um sentido naquilo que jaz oculto. Por isso, pode-se falar em redimensionar “a nossa visão, a nossa percepção do ato de educar” (SILVA, 2003, p.80).

A educação como um processo que instaura um exercício de superação da separação entre o eu e o mundo, entre espírito e natureza, não só é uma transformação da relação do sujeito com seu meio ambiente, mas também consigo mesmo e com os outros (sociedade). Estes três aspectos remetem ao conceito de ecosofia de Guattari (1995, p.8-18), dos três registros ecológicos (da subjetividade, do meio ambiente e do social).

Reunificação do eu com o mundo (natureza, os outros, a sociedade, as futuras gerações, o cosmos) é o estabelecimento de um comprometimento. A educação sob a abordagem fenomenológica é realização de compromisso e manifestação do sentido do compromisso. Assim, a educação pela fenomenologia é um processo de resgate da formação humana (*Bildung*) que estabelece uma continuidade. Não basta superar uma vez a dicotomia do eu em relação ao mundo. Transcender a cisão é tarefa perene da educação. Este objetivo da educação foi a fundamentação do pensamento filosófico de Steiner e que encontra suas premissas estruturadas na metodologia educacional da Pedagogia Waldorf (BACH Jr., 2007). A multiplicidade do fenômeno orgânico está dialeticamente relacionada à sua unidade. A primeira gera um fator quantitativo, a última um fator qualitativo. O objetivo da fenomenologia é um aprimoramento deste último. As implicações diretas de uma aplicação dos princípios da fenomenologia goetheana à educação são: um aperfeiçoamento dos sentidos, dos julgamentos e das intuições.

Desta forma, a fenomenologia vem indicar a necessidade de um treinamento dos sentidos, é integrado ao seu corpo que o sujeito fenomenológico tem sua experiência.

A confiança na experiência dos sentidos não é cega. Uma coisa é aceitar o conteúdo da experiência dos sentidos como um fato, e outra coisa, é estar consciente da influência da mente sobre o julgamento. Pois nisto há uma participação primeiramente subjetiva do ser humano no surgimento da visão de mundo. Esta participação, se não for cuidadosamente operada, fica sujeita ao risco de engano. (SCHIEREN, 1998, p.133)⁵

O fundamento da percepção tem como fato a inserção num corpo, daí deriva também a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999, p.193). Para Goethe o problema das ilusões, do engano, está principalmente nos julgamentos, são estes que nos enganam, não os sentidos. Nesta asserção goetheana reside em si um conceito redirecionador. Sob a tradição científica cartesiana lançou-se completa dúvida ao que os sentidos proporcionam. Descartes fundamenta seu método introspectivo tendo como premissa uma negação do corpo, dos sentidos. A fenomenologia goetheana refuta esta assepsia dos sentidos. Ela reafirma a importância de um treinamento dos sentidos na educação ambiental, pois é através dos sentidos que o ser humano se relaciona com a natureza. Além disso, há também a importância de aprimorar a intencionalidade da consciência. A atitude natural com juízos apressados ou automáticos não fomenta um desenvolvimento no aprofundamento das percepções. A atitude fenomenológica vem contribuir com o processo educativo justamente no desenvolvimento qualitativo da consciência. Reformular os próprios juízos para que estes se desdobrem em novas revelações do fenômeno é uma atividade do sujeito que reincide sobre ele mesmo. Há uma intensificação do sujeito no processo educativo fenomenológico. Para melhor conhecer o objeto – o fenômeno – pressupõe-se avanços na capacidade cognitiva do sujeito. Esta é intrinsecamente conectada ao desenvolvimento da intencionalidade da consciência. Ela se torna consciente de algo, de si mesma e, estando ciente simultaneamente de ambos, recria novas possibilidades de outro algo, ao mesmo tempo em que se recria. O auge do processo fenomenológico é um estado de consciência que se libertou dos impeditivos – que residem nela própria – de se alcançar a essência, o ser absoluto do fenômeno. O desenvolvimento de um juízo intuitivo – que na fenomenologia de Goethe partiu da relação

⁵ [Das Vertrauen in die Sinneserfahrung erfolgt aber nicht blindlings. Eines ist es, den Inhalt der Sinneserfahrung als Tatsache hinzunehmen und ein anderes, sich des Einflusses des Verstandes bei der Urteilsbildung bewußt zu sein. Denn darin liegt eine zunächst subjektive Beteiligung des Menschen an dem Zustandekommen des Weltbildes. Diese Beteiligung, wenn sie nicht sorgsam gehandhabt wird, unterliegt der Gefahr der Täuschung.] (SCHIEREN, 1998, p.133) – Tradução livre do autor

entre um ser humano e a natureza – tem repercussão qualitativa na relação do sujeito consigo mesmo e com os outros.

Estar ante o fenômeno de modo passivo é permanecer apenas com o que os sentidos fornecem ao conhecedor. Um lado da realidade fenomenal manifesta-se sensorialmente, é expressão na matéria. Como fenomenologia, o método de Goethe vai em busca da essência gerando a ideia de que a realidade fenomenal possui uma dimensão imaterial. O lado imaterial do fenômeno – nunca apreendido pelas vias sensoriais – é a enteléquia do objeto, que possui atuação a partir de si mesma sobre o objeto. Gerar a ideia é então uma postura da consciência fenomenológica que – ainda desconhecendo a essência – vai em busca do essencial ativando na consciência seu próprio objetivo. O fenômeno é resultado da confluência dos fatores condicionantes que permitem o existir material, por um lado. A consciência fenomenológica – por outro lado – ativa sua intencionalidade para o fator incondicional que também permite o existir material. Este só é fato manifestado a partir do âmbito contingente e do necessário. O âmbito necessário não é revelado à consciência como são os dados sensoriais – fornecidos pelos sentidos. Goethe utiliza a ideia da enteléquia – que o conhecedor ativa e intencionalmente cria – para servir-se dela como intermediária à intuição da essência fenomenal. É exigido do sujeito fenomenológico – nesta etapa do processo cognitivo – uma intensificação da ação subjetiva. Gerar a ideia em si não é suficiente, é tão somente um procedimento preliminar. A enteléquia é uma palavra criada por Aristóteles que significa possuir a finalidade em si mesma (DURAN, 1991, p.73). Goethe almejava a apreensão da enteléquia das plantas. A multiplicidade do fenômeno vegetal esconde sua unidade. Todo fenômeno vegetal possui um princípio gerador e atuante que é imaterial. Todas as partes do objeto orgânico são influenciados pela enteléquia.

Na fenomenologia goetheana, o fenômeno não pode ser explicado ou compreendido somente pelo princípio de causalidade. A enteléquia não é uma ideia abstrata à qual se chega pelo princípio da indução porque ela mesma é um princípio indutor. Neste sentido, ela é atividade imaterial que permite o fenômeno vida e que permeia todo e qualquer fenômeno orgânico. Gerar a ideia não pode ser confundido com gerar uma representação. Esta pode fixar a percepção do fenômeno em algo ilusório ou abstrato, enquanto que aquela vai ao cerne da questão epistemológica goetheana. A infinidade de variações do fenômeno percebido tem por condição de manifestação uma força única. “A ideia é una e indivisível“ (GOETHE, 2003, p.17). As infinitas

possibilidades de manifestação do fenômeno orgânico fundam a miríade de particularidades. Criar uma representação do que seria a entelúquia da planta seria fechar a consciência para o princípio universal atuante no objeto. O sujeito fenomenológico é participante num processo cognitivo ativo, que gera a ideia da entelúquia para usar esta ideia como órgão do espírito. A intuição fenomenológica exige que o conhecedor aprimore sua capacidade intelectual, que alce uma faculdade de operar intencionalmente na dimensão inteligível. A dimensão sensorial empresta o exemplo de uma particularidade. Compreender o âmbito infinito das particularidades exige o âmbito universal que as rege. A apreensão sensorial do particular requer a apreensão intuitiva do universal na fenomenologia.

3 Conclusão

Numa observação do fenômeno orgânico depara-se com um infinita variação de formas. O fenômeno orgânico é contínua transformação no espaço e no tempo. A utilização de conceitos redirecionadores do olhar visa a captação do elemento inerente ao movimento. Enquanto a ideia da entelúquia é ativada como generalização sobre os infinitos exemplos dos fenômenos, os conceitos redirecionadores abordam cada parte do fenômeno percebido. Nesta abordagem, expansão e contração não são percebidas como resultados da confluência dos fatores externos, ou seja, por indução. Nas partes que constituem o todo de um fenômeno orgânico, a manifestação de expansão e contração é possível porque estes são indutores no fenômeno. Os conceitos redirecionam a percepção do sujeito cognoscente para este fator ativo – indutor – que resulta na configuração do objeto. Evita-se a unilateralidade dos fatores contingentes porque estes estão dialeticamente relacionados com o fator necessário. Expansão e contração são exemplos de conceitos redirecionadores que Goethe utilizou para abordar fenomenologicamente o mundo orgânico. Ambos perfazem dialeticamente uma relação de tese e antítese das formas de manifestação, gerando uma síntese (metamorfose), uma manifestação em outro nível. A síntese no mundo orgânico é a manifestação da entelúquia num nível superior, metamorfoseado. A teoria da metamorfose das plantas – para ser compreendida – tem como pré-requisito o desenvolvimento qualitativo do conhecedor. As infinitas variações das formas orgânicas revelam níveis de transformações no plano material. A metamorfose – *morfos* é forma, *meta* é o que está além – é a compreensão de um nível superior da manifestação sensorial como resultado de uma nova síntese de atuação da entelúquia.

Os conceitos redirecionadores visam evitar uma distração ou uma absorção da consciência numa pluralidade sem fim. Eles dirigem a intencionalidade da consciência para a reformulação da percepção do fenômeno. A percepção, assim, não é construída somente pelo objeto (empirismo), nem somente pelo sujeito (racionalismo). A percepção ambiental do mundo orgânico ganha outro patamar qualitativo quando sujeito e objeto não permanecem numa relação dualista. A superação da dicotomia sujeito e objeto – eu e mundo – requer um trabalho do sujeito nele mesmo. Os conceitos redirecionadores só podem ser efetivados se o conhecedor se dispuser a isto. Conceitos redirecionadores não são uma invenção arbitrária no processo cognitivo, não fazem parte de um mero jogo de linguagem. Eles são congruentes com o fenômeno e sua utilização significa o esforço do conhecedor de voltar às coisas mesmas. Correspondem à redução eidética – na terminologia de Husserl – onde a atitude descritiva configura um discurso que resgata a compreensão do fenômeno relevando a essência. Conceitos redirecionadores reformulam a percepção, ou seja, descrevem o fenômeno a partir de princípios congruentes ao mesmo. O exercício fenomenológico é um esforço de congruência. A flexibilização da linguagem é característica inerente à utilização de conceitos dinamizadores da intencionalidade. Faz parte do momento de comunicação dentro do processo intersubjetivo que visa o patamar transcendental. Numa perspectiva materialista esta flexibilização da linguagem pode ser interpretada como mais um jogo de linguagem. Todavia, sob a perspectiva fenomenológica, a flexibilização da linguagem é um recurso para se indicar sentidos que uma linguagem limitada não expressa. Assim, a superação da cisão sujeito e objeto passa por um processo de superação de uma linguagem dissociadora. É uma linguagem dissociadora que proporciona ao sujeito que dela se utiliza um sentido dualista do fenômeno cognitivo. A superação da cisão eu e natureza é tarefa de um sujeito que amplifica a qualidade da sua abordagem em relação à realidade. Esta amplificação da qualidade tem como recurso uma outra linguagem que é expressão de conceitos que dinamizam a intencionalidade da consciência. A qualificação do sujeito é um empreendimento possível se o próprio sujeito se propõe a este desafio. Neste sentido, a fenomenologia do Goethe é um processo de autoeducação, está intrinsecamente conectada a um desenvolvimento do conhecedor que só se realiza por iniciativa dele mesmo. Os conceitos redirecionadores são uma ferramenta que conduz o conhecedor ao esforço de superação do dualismo, de superação da separação entre ser humano e natureza.

Referências bibliográficas

BACH JR., Jonas. **Educação ecológica por meio da estética na pedagogia Waldorf**. Curitiba: 2007. 230 pg. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná.

BUENO, Enilda R. A.. **Fenomenologia: a volta às coisas mesmas**. Campinas, SP: Editora Alérea, 2003.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e ciências humanas**. Londrina: UEL, 1996.

DURAN, Will. **A história da filosofia**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

FULLAT, Octavi. **Filosofias da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GILES, Thomas Ransom. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Pedagogia e Universitária, 1987.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Teoría de la naturaleza**. Madrid: Editorial Tecnos, 1997.

_____. **Máximas e reflexões**. ; tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. Maximen und Reflexionen. IN: GOETHE, J.W. **Naturwissenschaftliche Schriften I**. Band 12. München (Alemanha): Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000. p.203-248

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

NISKIER, Arnaldo. **Filosofia da educação: uma visão crítica**. Rio de Janeiro: Consultor, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

SCALA, André. **Espinosa**. Tradução Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SCHIEREN, Jost. **Anschauende Urteilskraft: methodische und philosophische Grundlagen von Goethes naturwissenschaftlichem Erkennen**. Düsseldorf; Bonn: Parerga, 1998

_____. Goethes meditatives Naturerkennen. In: SCHIEREN, J. (Hsrg.). **Rationalität und Intuition in philosophischen und pädagogischen Perspektive**. Frankfurt, Deutschland: Peter Lang, 2008. p.61-90

SILVA, Carlos Cardoso. **A educação e sua dimensão fenomenológica**. Campinas, SP: Editora Alérea, 2003.

STEINER, Rudolf. **A obra científica de Goethe**. São Paulo: Associação Pedagógica Rudolf Steiner, 1980.

URBANO, Zilles. Apresentação. In: HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Tradução de Zilles Urbano. Porto Alegre, 1996. p.7-19

WAHN, Daniel C.. “Zarte Empirie”: Goethean Science as a Way of Knowing. IN: **Janus Head**, Vol. 8, n. 1, p.160-172. Amherst (NY, EUA): Trivium Publications, 2005. p.58-76.